
EDUCAÇÃO E RACIONALIDADE

TÉCNICA: DESAFIOS DA FORMAÇÃO

COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA*

DOI 10.18224/frag.v29i2.7366

JUSSIMÁRIA ALMEIDA DOS SANTOS**

Resumo: este artigo busca refletir e relacionar a Teoria Crítica da Sociedade com os processos (pseudo)formativos, considerando a temática da racionalidade técnica em meio às tramas da Indústria Cultural. É uma investigação teórica e aborda, de forma histórica, social e cultural, as dimensões da (pseudo)formação no contexto da sociedade capitalista, que alimenta o potencial alienante dos sujeitos que vivem uma aporia e recaem no conformismo, sendo-lhes negada qualquer possibilidade de autorreflexão crítica. Vincula-se a essa discussão autores da Teoria Crítica da Sociedade, como Adorno (1985, 1993, 1995, 2010, 2011), Crochik (2003), Kant (2013), Horkheimer (1991, 2002), e para subsidiar o contexto histórico, Hobsbawm (2011, 2012), no intuito de se relacionar os processos de instrumentalização técnica propagados pelo Iluminismo como libertação para o homem moderno com as amarras veladas da (pseudo) formação em face de uma lógica social administrada. Por fim, aponta-se para a Educação, na perspectiva da formação ampla em um espaço social contraditório, como possibilidade de resistência contra todas essas agressões do imediatismo na vida intelectual dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação. (Pseudo)Formação. Racionalidade Técnica. Resistência.

Ao se pensar em uma sociedade com um sistema tecnológico altamente desenvolvido, sem fronteiras na esfera da comunicação, em que tudo está ao alcance de todos em tempo real dos acontecimentos, faz com que o questionamento feito por Adorno e Horkheimer (1985, p.11), na década de 1940, prolonga-se até os dias atuais, que é o de “descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se aprofundando em uma nova espécie de barbárie”.

Hoje, ao lançar-se um olhar reflexivo para esta inquietação, a análise que se faz não descarta a ideia de tal questionamento ser algo muito preocupante. Isso porque, tanto na historicidade do conhecimento como na guisa dos avanços técnico-científicos, esses processos gradativos de alterações, no âmbito sócio, político e cultural, ainda continuam a transformar

* Recebido em: 15.05.2019. Aprovado em: 01.10.2019.

** Doutoranda na Universidade Federal de Goiás. *E-mail:* jussi.ped@hotmail.com

o mundo inteiro, com mudanças e impactos diferentes em cada tempo histórico, uma vez que a sociedade é dinâmica e em cada momento ela possui uma determinada história.

Nessa perspectiva, o historiador Hobsbawm (2012) pontua que todo o processo de transformação que aconteceu no período da dupla Revolução¹ levou todo o contexto sócio, político e cultural a passar por amplas e profundas mudanças, ou seja, o âmbito social foi marcado pelo crescente êxodo rural e pela formação das cidades. No âmbito político, houve o desmonte da monarquia e, no aspecto cultural, questões referentes às relações entre o homem e a cultura direcionavam-se para a formação do liberalismo (SANTOS, 2016).

Portanto, no desdobrar desses acontecimentos, foram se formando, gradativamente, cenários para a instalação da Indústria Cultural, que emergiu no século XIX e se intensificou após a Segunda Guerra Mundial. O termo em questão foi utilizado pela primeira vez em 1947 pelos autores da Teoria Crítica da Sociedade², que, segundo Adorno (1993), traduz a Indústria Cultural como sendo uma força que, em seus diferentes ramos (ciência, economia, avanço tecnológico, propaganda, meios de comunicação, instituições formadoras de opiniões, mercado capitalista, consumo), consegue adaptar todos os produtos para o consumo das massas. Também é essa indústria que determina o consumo, ou seja, esses ramos se assemelham e se ajustam entre si, somando-se sem deixar lacunas, constituindo um enorme sistema coeso capaz de grandes implicações no processo de (pseudo)formação do sujeito.

Diante disso, na tentativa de um conceito para o termo, registra-se que “a Indústria Cultural é a integração deliberada a partir do alto de seus consumidores” (ADORNO, 1993, p. 92). Inegavelmente, a Indústria Cultural apresenta-se como uma instituição poderosa quando torna o sujeito submisso à ideologia capitalista. No tocante a isso, ressalta-se que a Indústria Cultural possui em si a característica de um espírito dominante ao oferecer, aos seus consumidores conformistas, produtos que são preparados implicitamente por ela com o objetivo único de garantir tanto a dependência quanto a servidão desses sujeitos.

Para esses intelectuais, Adorno e Horkheimer (1985), esse termo reflete um caos cultural para o qual se inclinou a sociedade moderna, devido as grandes transformações no contexto social com o processo de industrialização e com o avanço da técnica. Nesse sentido, a Indústria Cultural torna-se uma das preocupações da Teoria Crítica da Sociedade. Trata-se de uma concepção teórica que faz uma análise crítica da realidade instaurada a partir da II Guerra Mundial (1945) e, por conseguinte, será o aporte teórico deste trabalho no tocante à negação do sujeito como ser pensante.

Dessa maneira, retomando-se o percurso histórico, observa-se que, o mundo se fortaleceu alicerçado na ideia do progresso pela técnica. Sendo assim, calcado nos princípios do liberalismo, esse progresso tangenciou a dar ao homem o poder do seu destino. Ou seja, no intuito de romper com as tradições e com os mitos, fé e razão, o homem moderno coloca em evidência a importância de um pensamento totalmente gestado frente a um processo de inúmeros fatores sócio, político, histórico e cultural de rupturas e continuidades, que se enfrentam acirradamente na nova ordem social da sociedade capitalista.

No tocante a estas discussões iniciais, ao se refutar as tradições e o mito, vislumbrando uma ciência pela instrumentalização técnica, o homem recai no que Horkheimer (2000, p. 10) alerta sobre a racionalidade técnica a partir da afirmação: “O avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização”. Assim, o progresso ameaça anular o que se supõe ser seu próprio objetivo: a ideia de homem.

O alerta desse autor com relação à racionalidade tecnológica é um dos elementos importantes para se pensar nas contradições que envolvem o próprio processo da técnica no âmbito das relações do homem com o trabalho e com a sociedade no seu devir.

Nesse aspecto, localiza-se o ponto crucial desta discussão que é a saída do homem da tradição e do mito – o que historicamente se chamou de Iluminismo- em direção ao progresso alicerçado pelo desenvolvimento tecnológico. Este, por sua vez, recai em uma contradição constante com o avanço técnico em detrimento da própria civilização enquanto humanidade, com sujeitos autônomos e emancipados capazes de contribuir para que essa sociedade se distancie cada vez mais dos processos de barbarização, Adorno (2011, p.55), afirma a necessidade de “desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia”.

Frente ao percurso trilhado pela sociedade moderna, o que seria para libertar o homem acaba por aprisioná-lo cegamente, como afirma Crochik (2003, p.15):“O progresso da civilização também contribui com o regresso: a presença da barbárie, contra o qual aquele se define.”

Um fato determinante para essa racionalização exacerbada, e cada vez mais administrada tecnologicamente, é a divisão do trabalho, pois, segundo Crochik (2003, p.15), “o progresso, que permite uma vida mais confortável e segura, colabora também com a imobilização social e com a infelicidade humana”.

Compreende-se que nesta configuração todo o contexto da Cultura Administrada, através dos meios de comunicação de massa, manipula de forma bem coesa o pensamento humano. Dessa forma, o sujeito não consegue perceber as contradições que estão por trás dessa ideologia do progresso e se ilude por acreditar que com ele todos os problemas, tanto individuais quanto sociais, estarão resolvidos. Desconsidera-se, então, pensar que as relações do trabalho são as mesmas presentes no processo de dominação e de exploração e que há um ocultamento da regressão no aspecto humano porque a ideia de progresso, nos moldes das tradições técnico-científicas, serve somente ao capital (CROCHIK, 2003).

Nesse sentido, o autor denuncia que há, na lógica do capital, a manutenção de aspectos como: controle, adaptação, manipulação, conformismo, pensamento padronizado, que impedem qualquer manifestação de emancipação do sujeito frente às contradições sociais e favorecem àqueles que sobrevivem da perpetuação dessa dominação.

Dessa forma, constata-se que, segundo essa lógica, está a negação do sujeito como ser social, autônomo, capaz de resistir a esta regressão que lhe é imposta de forma velada, sob o véu tênue entre técnica e (pseudo)formação.

Tendo como base tal perspectiva de resistência a todo esse cenário é que os autores da Teoria Crítica fazem uma crítica contra os modos operantes de toda essa racionalidade que vem se desenvolvendo ao longo da civilização. Assim, eles consideram que todo esse processo de dominação é cíclico e se encontra em permanente movimento de contínua contradição.

Então, lança-se uma preocupação com os aspectos subjetivos dos sujeitos que se veem completamente anulados face aos desdobramentos da técnica, que, por sua vez, potencializam-se com a Indústria Cultural cujo fim último são a dependência e a servidão voluntárias dos homens, como afirma Adorno (1994, p. 99):

A satisfação compensatória que a indústria cultural oferece às pessoas ao despertar nelas a sensação confortável de que o mundo está em ordem, frustra-as na própria felicidade que ela ilusoriamente lhes propicia. O efeito de conjunto da indústria cultural é o de

uma antidesmistificação, a de um anti-iluminismo (*Aufklärung*); nela, como Horkheimer e eu dissemos, se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher a sua consciência. Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.

Na contrapartida, a fim de se evitar o que Adorno e Horkheimer afirmaram na obra *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos* (1985), escrita na década de 1940, de que “o inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante”, é que se lança o desafio para a educação na perspectiva do esclarecimento. E isso na tentativa de contemplar o sujeito com uma formação cultural mais ampla, abarcando as artes, a história, a literatura, a filosofia, a sociologia, a estética, a música, para que este possa ser capaz de sair dessas amarras de aprisionamento alienante prometidas pelo mundo moderno.

Seguindo a concepção de Adorno e Horkheimer (1985), há um grande movimento de massas educadas pela natureza tecnológica, assim o sujeito se deixa dominar pelo fascínio, manifestando nele (1985, p. 13): “[... a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual”. Nessa lógica, para estes autores, o esclarecimento seria a possibilidade para o conhecer, por ter como meta “dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (*Idem* 1985, p. 17).

Reafirmando o raciocínio anterior, observa-se a partir de Adorno e Horkheimer (1985), que em nome de um progresso técnico, ou seja, de um saber pautado na racionalidade tecnológica (saída das amarras do mito), o homem retorna e regride ao próprio mito, porque existem limites em toda essa racionalidade moderna instrumental. Assim, o esclarecimento teria de tomar consciência de si mesmo.

Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade. A disposição enigmática das massas educadas tecnologicamente a deixar dominar-se pelo fascínio de um despotismo qualquer, sua afinidade autodestrutiva com a paranoia racista, todo esse absurdo incompreendido manifesta a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13).

Essa contundente assertiva acerca dessa exigência de se abandonar o movimento de regressão imposto pela racionalidade tecnológica e transpor para o esclarecimento, na perspectiva de Adorno e Horkheimer (1985, p. 33), vincula-se a exigência de “pensar o pensamento” e a tensão entre sujeito e objeto³ deverá ser mantida para que haja possibilidade de o sujeito, no sentido kantiano, sair dessa menoridade. Para Kant (2018, p.63-4), isso significa “a incapacidade de fazer uso do seu entendimento sem a direção do outro indivíduo”. Ainda para o autor, é preciso coragem para se servir de si mesmo sem a direção de outro, isto só é possível por meio do uso do próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento”.

Essas considerações apresentadas até o momento foram no intuito de demonstrar que, em diferentes aspectos, a racionalidade técnica amparada e potencializada pela Indústria Cultural contribui para a sustentação do conformismo pelo sujeito. Isso porque ela está ao alcance de todos, exigindo-lhe apenas o mínimo do potencial crítico e autor reflexivo que poderia vir a ter.

Em síntese, retomando o raciocínio anterior, no percurso trilhado até aqui, propõe-se, segundo a teoria crítica frankfurtiana, reconhecer que o sujeito seja capaz de sair dessa regressão e ofuscamento através da educação pela formação. Compreende-se que a educação é um elemento essencial no processo formativo, tanto para a negação quanto para o rompimento de todo esse processo de regressão, empobrecimento, alienação e desumanização do sujeito na sociedade capitalista administrada.

Apoiando-se neste aspecto importante que é a educação como espaço de resistência e superação do *status quo* e da barbarização, segundo Adorno (2011), esta tem como finalidade última a humanização do homem, conduzindo-o cada vez mais a um pensamento autônomo, distanciando assim dos processos de alienação e desumanização, que são fundamentais para os sujeitos em uma sociedade capitalista nos moldes administrados.

Com efeito, a educação para a emancipação opõe-se a todo e qualquer processo de (pseudo)formação. Esta segue em um movimento contrário ao atual, no qual há uma associação entre técnica e economia para adaptação do sujeito à sociedade capitalista. Nesse patamar, entende-se que uma formação cultural ampla possibilita o reconhecimento das contradições, conduzindo o sujeito à construção de sua autonomia resistindo ao esquema de ordem atual, pois educação, para Adorno, teria o seguinte sentido:

[...] gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente, não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*. Isto seria inclusive da maior importância política, sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 2011, p. 141-2).

No texto “Teoria da Semiformação” (2010), Adorno trata com veemência o colapso da formação cultural, por esta não oportunizar aos sujeitos condições de refletirem sobre a realidade tal como ela se apresenta em suas múltiplas faces contraditórias. Para o autor,

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Desse modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. Nada fica intocado na natureza, mas sua rusticidade a velha ficção – preserva a vida e se reproduz de maneira ampliada (ADORNO, 2010, p. 9).

No mencionado texto, o autor pontua que a formação é condição para que a sociedade como um todo se torne autônoma, com sujeitos livres e iguais, ao passo que, como afirma Adorno (2010, p. 13), “na ideia de formação cultural, necessariamente se postula a situação de uma humanidade sem *status* e sem exploração”.

Contraditoriamente, formação cultural e sociedade apresentam-se assim, uma vez que a própria sociedade tem dificuldades em oportunizar ao sujeito uma formação cultural, pelo contrário ela potencializa as diferenças sociais. Dessa forma, fortalece-se a ideologia da

dominação cultural pela técnica com uma atuação regressiva para adaptação a um mundo supostamente organizado tecnologicamente. Nesse sentido, para Adorno (2010, p.11), fica evidente que “pela pressão que exerce sobre os homens, neles perpetua a deformidade”.

No tocante à ideologia, o autor refere-se a esta da seguinte forma:

A ideologia contemporânea é o estado de conscientização e de não conscientização das massas como espírito objetivo, e não os mesquinhos produtos que imitam esse estado e o repetem, para pior, com a finalidade de assegurar a sua reprodução. A ideologia em sentido estrito dá-se onde regem relações de poder que não são intrinsecamente transparentes mediatas e, nesse sentido, até atenuadas. Mas, por tudo isso, a sociedade atual, erroneamente acusada de excessiva complexidade, tornou-se demasiado transparente (ADORNO, 1956, p. 193).

Considerando essa perspectiva conceitual, a formação cultural, além de ser fundamental, não está isolada. Isso porque ela faz parte de uma realidade histórica e socialmente construída e está em todos os lugares. Por exemplo:

Quando a burguesia tomou politicamente o poder na Inglaterra do século XVII e na França do século XVIII, estava do ponto de vista econômico, estava mais desenvolvida que o sistema feudal. E também mais consciente. As qualidades que posteriormente receberam o nome de formação cultural tornaram a classe ascendente capaz de desempenhar suas tarefas econômicas e administrativas. A formação não foi apenas sinal da emancipação da burguesia, nem apenas o privilégio pelo qual os burgueses se avantajaram em relação às pessoas de pouca riqueza e aos camponeses. Sem a formação cultural, dificilmente o burguês teria se desenvolvido como empresário, como gerente ou como funcionário (ADORNO, 2010, p. 14).

Dessa forma, observa-se que o autor atribui à formação cultural um peso relevante para a conquista da autonomia e da liberdade. Pois, em meio às contradições nas quais o sujeito se rende, em vazio e forma, existe a oportunidade, conforme Adorno (2010, p. 18), de “inúmeros trabalhadores, pequenos empregados e outros grupos, graças a sua consciência de classe ainda viva, embora debilitada, não caíam nas malhas da semiformação”. Com efeito, elevar os sujeitos à consciência crítica, interpondo sujeito e realidade mediante as contradições, seria uma conquista, ou seja, um ato de resistência a todo esse processo de imobilização da formação como possibilidade do vir-a-ser.

A (pseudo)formação, segundo a concepção adorniana, é a consciência coisificada”, é um processo que tende ou redireciona os sujeitos a se tornarem-se coisas. Assim, neutralizam-se as relações de possibilidades do vir-a-ser e absolutiza-se o que existe a um modo totalmente cego e determinado. Dessa forma, romper com esses mecanismos de imposição e coisificação através da formação resultaria em um processo de negação a tudo que reifica e coisifica o sujeito, dando-lhe a alternativa de transformar o contexto social em uma tentativa de resistir às próprias tramas da (pseudo)formação que se potencializa cada vez mais com a racionalidade técnica, a qual, produz pessoas afinadas com a técnica. Como refere Adorno (1995, p.118), “no que tange à consciência coisificada, dever-se-ia tratar também rigorosamente a relação com a técnica, e de modo nenhum só nos pequenos grupos”.

Em face disso, entende-se que a (pseudo)formação, aliada à racionalidade técnica, instaura-se na realidade social e produz uma lógica irracional e administrada no âmbito subjetivo dos sujeitos que se tornam vítimas fáceis de toda essa dominação técnica que aniquila veladamente a formação cultural dos mesmos. Ora com esta harmonia da técnica entre todos não há espaço para o pensamento reflexivo.

Reitera-se que, nesse contexto, o sujeito se nega como ser pensante, crítico e reflexivo, aderindo-se a um processo de alienação. Então, alcançado pela Indústria Cultural, esse sujeito não tem necessidade nenhuma de pensar por si próprio. Para Adorno (1985, p.113), “toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada”.

Em virtude disso, o desafio que se propõe é o de que a Educação, na perspectiva da formação humana, seja uma oportunidade de saída para o sujeito. Dessa maneira, ao aproximá-lo do potencial mais crítico, ele reconheceria que o progresso técnico precisaria ser confrontado e juntamente com ele as tramas da Indústria Cultural que, “Confiante na ignorância, o mercado cultural dela nutre-se e a ela reproduz e reforça. A alegre e despreocupada expansão da formação cultural, nas condições vigentes, é, de modo imediato, sua própria aniquilação” (ADORNO, 2010, p. 28).

Percebe-se que tal assertiva demonstra que a Indústria Cultural, que tem como base de sustentação o mercado, incentiva as necessidades do sujeito que, estando submerso em uma (pseudo)formação, aproxima-se muito do conformismo.

Com a finalidade de fortalecer a resistência a tudo que está posto, Adorno (2011, p. 148-9) faz um chamado para o aspecto de se viver a experiência como elemento importante para romper com o que é confortável, uma vez que “os homens não são mais aptos à experiência, mas nos interpõem entre si mesmos e aquilo a ser experimentado aquela camada estereotipada a que é preciso se opor”. Na concepção de Adorno, as vivências do cotidiano não resultam em viver a experiência, uma vez que sobre o homem recai uma significativa pobreza que se associa e se concilia com a racionalidade técnica. Assim, a esperança no progresso iluminista gerou um desencantamento, e romper com o confortável é tarefa do esclarecimento como processo formativo.

Concluindo, todo e qualquer movimento que emergir na sociedade como forma de negação ou de resistência contra toda essa estrutura que está posta, seja de revolta pelo massacre da sociedade capitalista administrada, seja o de fazer parte de uma sociedade em que a (pseudo)formação e a repressão ideológica atingem e cegam a maioria das pessoas, é impedido para que não se veja a manipulação, o controle e a alienação através dos inúmeros instrumentos de dominação administrados pela racionalidade técnica.

Para os frankfurtianos, Adorno e Horkheimer (1985), os mecanismos de defesa a todo esse sistema são, de alguma forma, bloqueados através do “véu tecnológico”, que é visto como um fim em si mesmo, ou seja, resolvem-se os problemas individuais na aparência e o conformar-se resta como se fosse a única opção que fica para os sujeitos. Adorno (1994, p. 98) configura isso como sendo “a exploração da fraqueza do eu, à qual a sociedade atual, com sua concentração do poder, condena de toda maneira seus membros”.

Por isso, fazer surgir um pensamento questionador nos sujeitos, como forma de enfrentamento, negação e resistência a essa sociedade da informação, é o intento que se almeja com a Educação. E esta deve ser perpassada por uma formação cultural mais ampla com

elementos imprescindíveis para a emancipação e para a autonomia do sujeito, para que este possa ser capaz de ir além da informação rápida e do saber operacional tão atuantes na sociedade atual, tornando-se mais humano e consciente de sua própria práxis social.

Finalmente, o tão almejado intento é que esta Educação possibilite o giro para o próprio sujeito no sentido kantiano, ou seja, segundo Adorno (1995), que os sujeitos possam ser capazes de identificar todo e qualquer mecanismo que apresenta um potencial alienador e, a partir dessa identificação, eles possam impedir que todo esse arsenal continue a aniquilar a capacidade de experienciar a cultura através da reflexão crítica. Cabe, assim, o despertar para uma consciência em geral, ampla, desses mecanismos que confrontam o sentido formativo e humanista.

EDUCATION AND RATIONALITY TECHNICAL: CHALLENGES OF TRAINING AS A RESISTANCE SPACE

Abstract: this article aims to reflect and relate the Critical Theory of Society to the (pseudo) formative processes, considering the theme of technical rationality in the context of the Cultural Industry. It is a theoretical investigation and approaches in a historical, social and cultural way the dimensions of (pseudo) formation in the context of capitalist society that feeds the alienating potential of subjects who live an aporia and fall into conformity, denying them any possibility of critical self-reflection. The authors of the Critical Theory of Society, Adorno (1985, 1993, 1995, 2010, 2011), Crochik (2003), Kant (2013), Horkheimer (1991, 2002) to subsidize the historical context, Hobsbawm 2011, 2012) in order to relate the processes of technical instrumentalization propagated by the Enlightenment as liberation for modern man and the veiled moorings of the (pseudo) formation within a socially managed logic. Finally, we point to Education in the perspective of broad training in a contradictory social space as a possibility of resistance against all these aggressions of immediacy in the intellectual life of the subjects.

Keywords: *Education. (Pseudo)Formation. Technical Rationality. Resistance.*

Notas

- 1 Segundo Hobsbawm (2012), a Revolução Industrial significa que, a certa altura da década de 1780, pela primeira vez na história da humanidade foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços. Este fato é hoje tecnicamente conhecido pelos economistas como a “partida para o crescimento autossustentável”. Nenhuma sociedade anterior tinha sido capaz de transpor o teto que uma estrutura social pré-industrial, uma tecnologia e uma ciência deficientes, e conseqüentemente o colapso, a forma e a morte periódicas, impunham à produção. “A partida” não foi logicamente um desses fenômenos que, como os terremotos e os cometas, assaltam o mundo não técnico de surpresa. [...] foram exaltadas com o nome de “Revolução Industrial [...]”. A partir da metade do século XVIII, o processo de acumulação de velocidade para partida é tão nítido que historiadores mais velhos tenderam a datar a revolução industrial de 1760. Mas uma investigação cuidadosa levou a maioria dos estudiosos a localizar como decisiva a década de 1780 e não a de 1760 (HOBSBAWM, 2012, p. 59).
- 2 Para Hobsbawm (2012), a Revolução Francesa não foi feita ou liderada por um partido ou movimento organizado, no sentido moderno, nem por homens que estivessem tentando levar a cabo um programa estruturado. Também não chegou a ter “líderes” como as revoluções do século XX, até o surgimento da figura pós-revolucionária de Napoleão. Não obstante, um surpreendente consenso de ideias gerais entre um grupo social bastante coerente deu ao movimento revolucionário uma unidade efetiva. O grupo era a “burguesia” e suas ideias eram as do liberalismo clássico, conforme formuladas pelos “filósofos” e “economistas” e

difundidas pela maçonaria e associações informais (HOBSBAWM, 2012, p. 105).

- 3 Na visão de Horkheimer (1991, p. 57), a Teoria Crítica da Sociedade tem as seguintes características: A teoria crítica da sociedade começa, portanto, com a ideia de troca simples de mercadorias, ideia esta determinada por conceitos relativamente universais. Tendo como pressuposto a totalidade do saber disponível e a assimilação do material adquirido através da pesquisa própria ou de outrem, mostra-se então como a economia de troca, dentro das condições humanas e materiais dadas, e sem que os próprios princípios expostos pela economia fossem transgredidos, deve conduzir necessariamente ao agravamento das oposições sociais, o que leva a guerras e a revoluções na situação histórica atual (HORKHEIMER, 1991, p. 57). Horkheimer deixa clara a sua oposição quanto ao dogmatismo reinante no marxismo, denunciando que este “se transformara em um campo de verdades estabelecidas” (JAY, 2008, p. 90). Observa-se ainda que Horkheimer reconhecia a teoria marxista como atual e pertinente, e, por isso, denunciava que esta concepção deveria pautar-se em outras reflexões críticas
- 4 Sujeito e objeto podem se referir tanto ao indivíduo particular quanto a determinações gerais, à consciência em geral. Ambos necessitam reciprocamente e essa ambiguidade não pode ser eliminada, pois perderia o sentido. Possuem resistência a se deixarem definir para não caírem em uma aporia ou em um aprisionamento de conceitos e definições, portanto, análise crítica e reflexão são fundamentais. “[...] na realidade já mediada, de que um sujeito, seja qual for sua natureza, um sujeito cognoscente defronta-se com um objeto do conhecimento” (ADORNO, 1995, p. 181-182).

Referências

- ADORNO, T. *Palavras e sinais: modelos críticos* 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, Max. *Temas básicos de sociologia*. 2. ed. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- ADORNO, T. Teoria da Semiformação. Tradução: Bruno Pucci e Cláudia B. de M. Abreu. In: PUCCI, B; ZUIN, A.; LASTÓRIA, L. (orgs.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010.
- COHN, Gabriel (org.). Theodor W. Adorno. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- CROCHIK, JoséLeon. O desencanto sedutor: a ideologia da racionalidade tecnológica. *Revista interação*, Goiânia, v. 28, n. 1, 2003.
- HOBSBAWN, Eric. *A era das revoluções (1789-1848)*. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.
- HOBSBAWN, Eric. *A era dos impérios (1875-1914)*. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido A. Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2000.
- HORKHEIMER, Max. Coleção *Os pensadores*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- JAY, Martin. *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923-1950)*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* Textos Seletos. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SANTOS, Jussimária Almeida. *Teoria Crítica, educação e infância: (im)possibilidades formativas nas tramas da indústria cultural*. Dissertação (Mestrado em Educação da Faculdade de Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.